



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Pai Américo

● Aqui a dois passos o Mosteiro de Singeverga. Um dia (terá sido, talvez, uma noite...) ali aconteceu o «milagre» de Pai Américo falar de si. Um pequenino capítulo «De como eu subi ao Altar», o prometido livro que nunca chegou a escrever — uma vigaricezinha por que há-de ter penado, se «o sabor do martírio que experimentou sem ter suado sangue», não foi bastante para o levar direitinho à sua mansão na Casa do Pai. Monges desse tempo me têm falado, ufanos, dessa revelação. Que inveja!

Mas aqui mesmo, aos tais dois passos do Mosteiro, na recolha de textos para o segundo (ou já talvez o terceiro) volume do «Doutrina», em que me tenho ocupado, aconteceu achar esta palavra breve e incidental num «Agora» de Dezembro de 1951: «... Logo atrás desta grande epeia, torna o Xai-Xai com um reforço de dois contos para a mobília da sua casa e uma quantia de dinheiro para a compra do bacorinho.

O entusiasta daquela vila pede que eu vá até Moçambique, se for a Angola; e diz e diz e diz.

Eu estive um dia para malhar com os ossos no Xai-Xai, muito antes de João Belo lhe dar o seu nome. Era o Manuel Mendes. Eu embarcava para o Cabo, naquele dia, a fim de tomar a carreira de Londres, quando ele aparece esbaforido à saída do comboio.

— Então o que é isso? Para onde vais tu?

— Olhe, nem sei...

— Espero-te em Julho. Refresca e volta. Eu preciso de entregar. Sinto-me cansado. Quero que tomes conta.

Nisto, o comboio dá sinal; urgia embarcar. Eu de dentro e Manuel Mendes de fora, dávamos os últimos pontos, mas a linha quebrou-se e eu nunca mais regresssei.

É possível que por ali apareça no próximo Julho, transfigurado.»

● Julho foi o mês da sua «transfiguração».

Em 28 do dito no ano de 1929, o Américo foi «transfigurado» em padre. Padre Américo!

A exclamação tornou-se essência do seu nome. Como é possível transfiguração sem admiração?! Não foi tal o estado dos três Apóstolos-testemunhas no Tabor?!

Na vocação sacerdotal de Pai Américo há vaticínio do carisma profético de que a Graça o dotaria para além da medida comum. Ele bem o sabia. Sabia-o como ninguém.

Foi apanhado no campo, como Eliseu por Elias. ALGUÉM lhe pôs nos ombros uma capa — a capa que foi e é sinal na Obra da Rua. A capa com que se cobriu e cobriu multidão de filhos de Deus, esquecidos pelos homens



TRIBUNA DE COIMBRA

Diante do grande grupo que anda de enxada nas mãos e dedos não chão a cultivar o vasto campo de milho para que possa ser adubado e regado, e assim todos tenhamos pão e possamos criar gado, vou saboreando o valor autêntico do trabalho na libertação e promoção da criança e do jovem e de todo o homem.

O grande espanto dos nossos visitantes — quer em grupo, quer individualmente — é não se encontrar em nossas Casas ninguém que esteja desocupado. Foi a grande descoberta que Pai Américo procurou valorizar. A grande riqueza que vale a pena negociar está dentro de cada homem.

Nesta altura em que a nossa sociedade está bem marcada pelos que muito falam e nada produzem; pelos que chamam para a luta de braços caídos; pelos que convidam os outros para formas de destruição; pelos que amontoam, ou ensacam, ou abancam à custa dos que trabalham; pelos que passeiam e comem e bebem e gozam sem o merecer; pelo testemunho de vida quer no passado, quer no presente — nós preferimos (como forma de luta) trabalhar mais e fazer melhor.

E, assim, além do horário normal das oficinas, nós cultivamos a nossa quinta, donde tiramos quase o necessário para a nossa alimentação. Hoje, os mais velhos começaram o trabalho às 6 horas da manhã e resolveram trabalhar até às 8,30 da noite.

Continua na QUARTA página

Setúbal

É Verão. Numa das praias mais concorridas do Sul e mais belas de Portugal, onde o casario branco de arquitectura variada e fina, rodeado de jardim e flores contrasta flagrantemente com o azul infinito do mar e o verde escuro da floresta, eu fui encontrar uma mulher a viver debaixo de uma acácia com uma filha de 14 e três pequeninos de 5, 7 e 9 anos.

A mãe, uma atrasada mental, com a sua filha mais diminuída ainda, ganhavam o sustento familiar prostituindo-se.

Ao ver aproximar-me, saiu da sua silvestre cabana e veio ao meu encontro.

Os pequeninos semi-nus ficaram de cócoras roendo cada um o seu papo-seco, condimentado pelo ranho do nariz e pela sujidade das mãozinhas débeis.

Era uma mulher alta, magra, de cara enrugada e olhos fundos, nada brilhantes. Vestia uns calções curtos de bolsos grandes à frente. Um deles via-se repleto de maços de tabaco. Não sabia fazer comida, nem lavar-se.

Adivinhamos como terá sido a sua infância e adolescência. A filha ficou com a mãe. Eu não te quero falar mais da sua desdita. O turbilhão da vida levá-las-á na sua enxurrada anónima — continuarão a vender-se!...

Os pequeninos vieram comigo.

O nosso médico, agora temos um médico, que para além de toda a solicitude gratuita e carinhosa em qualquer hora, nos visita semanalmente, ao sábado, ou ao domingo, para observar alguns e se inteirar da sua evolução, comprometeu-se e não fez como outros que ficaram só nas promessas. Vem sempre. Pois, dizia, o nosso médico ao observar os pequeninos no seu raquitismo, expressou-se deste modo: — «Isto é do tempo da Maria Cachucha, eu julgava que no nosso País não houvesse coisas destas!» Mas há. Há sim senhor. E até pior.

As crianças não foram para a escola. Temos o Externato Diocesano, com escola infantil de portas abertas, mas não. Um ano só, no nosso ambiente, com alimentação, muito carinho e higiene não é demais. O seu atraso mental, afectivo e psicológico pode marginá-los no meio das outras crianças e marcá-los profundamente.

É sabido que as nossas aldeias, vilas e cidades estão pejudadas de crianças diminuídas. Quando só pobres, começa aqui a marginalidade. Se meninas e filhas já das ervas ou de famílias desfeitas, a prostituição é, ordinariamente, a sua sina. Se rapazes, um caminho paralelo lhes es tá marcado.

Não se esgotam facilmente as fontes da marginalidade e da criminalidade. Elas são muito profundas e têm um caudal de longa história que remonta às origens.

Quando as tempestades tombam copiosamente sobre os povos, elas irrompem das suas nascentes tão abundantemente que ameaçam submergir tudo. É uma constante da história.

Aqui os cristãos são preferencialmente chamados a intervir.

Hoje há tantos casais que poderiam ajudar a salvar estas crianças. Acalhando-as como suas, ainda que correndo muitos riscos. Há por esse mundo além muitas pessoas consagradas a dar aulas, até de disciplinas lúctas, em Liceus por causa do pão ou até do vil metal quando o seu autêntico lugar seria o serviço das Pobres da sua paróquia ou redondezas, dando, gratuitamente, cursos de alfabetização, ensinando a ler e a cultivar-se aqueles que na idade estolar não foram capazes de aprender, ou não tiveram quem sobre eles se debruçasse como era necessário, embora isto os obrigue a uma vida mais pobre e mais austera. Para evangelizar é necessário viver o Evangelho. Não basta pregar. «Palavra, leva-as o vento.»

O atraso e o analfabetismo são um enorme pecado social.

Continua na QUARTA página

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

Casamento do Santana que esteve na Casa do Gaiato de Lourenço Marques e transitou para a de Setúbal.



Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIUVAS — A nossa frente uma Viúva com seis filhos; cinco deles doentes mentais: três internados e dois na sua companhia!

«Não posso tratar de vida nenhuma. Tenho de olhar por ambos em casa... Ainda agora fugiram os dois! Lá os encontramos, mas podia ter sido pior... Mexeram com um ror de gente!...» — desabafa a pobre mulher.

O seu marido era beneficiário da Previdência. Mas ela — como outras Viúvas de meios subdesenvolvidos — não soube do despacho da Secretaria de Estado da Segurança Social, em Novembro de 1974, que, durante um ano, facultava o requerimento da pensão de sobrevivência àquelas cujos maridos não descontaram para esse benefício.

A propósito: não se justifica o falso argumento dos tribunais que se regozijam com o número de respostas ao despacho, como se toda a gente ficasse servida. Até por coerência...! É que não se deram, nem dão ao trabalho de analisar o porquê das omissões, como no caso vertente; exactamente os mais Pobres, os Marginalizados.

Assim se criam assimetrias; injustiças sociais ainda mais graves!

Isto é preciso que se diga, alto e bom som.

Os Pobres mais pobres estão sacrificados pelo prazo tecnocrata, quando noutros sectores, para outros fins, são ampliados consoante as pressões de classe e outras conveniências.

Agora, que o despacho caducou,

só havia uma solução: requerer a pensão normalmente...

Demois a mão à Viúva. Resposta da Caixa:

«De acordo com os regulamentos são necessários pelo menos cinco anos de inscrição com o mínimo de trinta meses ou cinco anos civis com entrada de contribuições para se verificar o direito à pensão, desde Dezembro de 1974, ao abrigo do despacho de 4/11/74 ou três anos de inscrição com pelo menos vinte e quatro meses com entrada de contribuições para se verificar o direito à pensão, desde Janeiro de 1976 ao abrigo do despacho de 24/3/75.

Segundo os elementos constantes do processo, a conta-corrente do beneficiário só apresenta descontos de 8/67 a 2/70 pelo que não há lugar à concessão das pensões nos termos de qualquer daqueles despachos.

Entretanto e no próprio interesse de V., queira informar se o beneficiário efectuou descontos para qualquer outra Caixa ou durante outro período ou, ainda, se descontou para o Montepio Geral dos Servidores do Estado ou outra entidade oficial e por que actividade, a fim de o assunto ser novamente analisado.

No caso de não se verificar esta última situação só poderá vir a ter direito a qualquer benefício se porventura vierem a ser alteradas as normas legais ou regulamentares, o que neste momento não se pode prever.»

Recorremos à memória crucificada da Viúva. O marido exercera, ainda, as funções de apontador no Fundo do Desemprego, durante dois ou três anos; e, entre 1961/67, fora porteiro de um sanatório semi-oficial.

Participámos à Caixa.

Em qualquer dos lugares, é evidente, ter-lhe-iam feito os descontos obrigatórios. Esperamos que procedam às necessárias buscas.

E não seria preciso nada disto!...

ESCLARECIMENTO — Cumpre-nos dar merecido relevo à eficiência da Repartição do Gabinete do Ministro dos Assuntos Sociais que abordámos, e nos esclareceu detalhadamente o motivo do impasse na pensão de velhice da vendedeira ambulante referida em uma das últimas edições.

Somos pela verdade, somos pela justiça.

Só lamentamos ter de subir à cúpula para colher os dados ou a resposta que outros têm o dever de prestar!

PARTILHA — Aí vão oito presenças que resolveram dar a mão aos Pobres, por nosso intermédio. E, assim, além das importâncias que entregamos, discretamente, na visita domiciliária, vamos aguentando as dores da mercearia, padaria, farmácia, etc. Não falando já dos Auto-construtores à espera de notas para a telha.

Da Av. Manuel da Maia, 1.000\$00. «Lecista da Figueira» manda um pacote de roupas para um casal de Refugiados. Que jeito fizeram! Mais 1.000\$00 de uma Irene lisboeta. E 100\$00 de Maria. E 200\$00 de S. João da Pesqueira. E os 100\$00, ha-

bituais, da rua Pascoal de Melo, Lisboa. E outros 1.000\$00 de um anónimo do Porto. Que discreção! Mais 150\$00 da «assinante 17022 e seu Marido». Em casal; assim é que está certo!

Finalmente, ouçamos:

«Como assinante do querido O GAIATO é com o coração a sangrar que leio alguns relatos das misérias corporais e morais que grassam pelo País fora (apesar de tantas promessas...).

Sou um reformado (com 39 anos já recebia a mísera pensão) e pai de três filhinhos. Apesar de doente, ainda vou conseguindo fazer uns serviços, género recoveiro, entre a minha aldeia e a sede do concelho; e como, graças a Deus, tenho casa própria, vou ganhando para o dia-a-dia.

Mas, agora, chegou a nova pensão de invalidez e os retroactivos e, naturalmente, dei graças ao Senhor e lembrei-me (o que acontece muitas vezes, mas sem o poder de concretização) dos mais infelizes, materialmente falando, já que em saúde sou muito pobre. Assim, e com pena de ser tão modesta a minha contribuição, junto 250\$00 que destinarão aos Pobres da Conferência de Paço de Sousa.

Gostaria de saber transmitir ao papel tudo o que sinto acerca das grandes injustiças sociais, mas fiquem as obras (modestas) e o pedido das vossas orações por este vosso irmão no Senhor Jesus.»

É um cristão. Mais; um homem doente, reformado, que sofre as agruras da vida e, por isso, melhor sabe interpretar as dos Outros. Isto tem muito valor! Dá todo o crédito àquele seu desejo de não «saber transmitir ao papel tudo o que sinto acerca das grandes injustiças sociais», que outros, demagogicamente, aproveitam para interesses específicos. «Mas — como é norma dos cristãos — fiquem as obras (modestas)». Aqui é que o meu amigo dá no vinte! Quem lucra com a destruição? Ninguém. Cristo não foi destruidor, mas Libertador. Isso sim!

Júlio Mendes



Entrega de prémios no 1.º Festival Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Paço de Sousa

S. JOÃO — Não é habitual festejarmos o S. João. Os afazeres são muitos e não dispomos de tempo para a farra.

Os nossos mais pequenitos, «Capitão» e «Gordo» na chefia, andaram por cá nas horas livres com latas e fogo a quererem lembrar aos outros as festas sanjoanipas.

Eu tinha vindo de Cete, pois nesse dia foi permitida a saída dos mais velhos para a noitada que se realizou ali, quando me chamaram para ir ver o que estavam a fazer os mais pequenos. Fui. Alegrou-me saber que eles também são capazes de fazer algo de novo, algo deles mesmos e como eles querem.

O «Tiroliro» disse-me que este facto merecia ir para o jornal, tanto mais que o «Capitão» e o «Gordo» estavam vestidos à escuteiros.

A dupla «Capitão»/«Gordo» está a caminhar muito bem no que diz respeito à organização de festas, brincadeiras, etc.

S. PEDRO — O S. Pedro, sim, festejou-se mas fora das horas de trabalho.

O grupo de «Zés P'reiras», novamente comandado por «Capitão» e «Gordo», acompanhou o pessoal que se dirigiu no fim do trabalho para o portão a fim de se iniciar a festa. Muitos contavam que viessem verdadeiros «Zés P'reiras», mas, afinal, a «Comissão de Festas» apresentou o grupo de «Zés P'reiras» do «Capitão» e «Gordo»...

O cortejo foi avenida acima com o ribombar das latas.

«Chegados ao pátio da Capela foi a oração da tarde.

Em seguida, jantar ao ar livre. Cada casa se encarregou do seu manjar e da escolha do sítio. Tudo correu da melhor maneira, mas a hora mais esperada ainda não tinha chegado: cada casa pôs à prova aquilo que sabia e queria fazer.

Começaram os «Batatinhas» com algumas canções que foram êxito nas Festas. Em seguida, casa por casa,

lá foram actuando, melhor ou pior, sem ensaios...

Depois foi o saltar das fogueiras acesas por todos aqueles saltimbancos com pernas de «gigantes». Isto durou até cerca das 11,30 h. E cada um seguiu para as suas casas onde foram distribuídas, laranjadas e cervejas acompanhadas de saborosas bolas.

HENRIQUE — Hoje, resolvi por mim próprio escolher um tema e um rapaz de quem falar um pouco.

Trabalha na casa-mãe. É limpador do andar de cima, que o rés-do-chão está a cargo dos rapazes da cozinha.

Nas horas da refeição é servente do mesa.

Ele dá conta do recado. Ah, isso é que dá!

Está no 2.º ano da Telescola.

A cada passo vem à tipografia despejar o caixote dos papéis do escritório do Manuel Pinto, e por cá fica a conversar um pouco com os amigos. Não pode ser assim, pois distraís os outros!

Já foi vendedor do jornal, mas saiu devido ao trabalho que tem e à idade: 16 anos.

Tens andado um pouco aborrecido connosco, não queres escrever nada para um próximo jornal? Só te faz bem e até te faz despertar o espírito para coisas novas. Vê lá se te resolves e se nos contas qual será o futuro que irás escolher depois de acabares a tua faxina, aí, na casa-mãe.

PRAIAS — Começaram as praias! O primeiro turno já partiu e a sr.ª D. Maria Angélica comanda o grupo.

No dia da partida todos os mais pequenitos estavam alegres. Eu ainda brinquei com alguns, dizendo-lhes que não havia praia e que iriam mas é trabalhar. O «Cibinho», que quis ser o mais traquina, disse-me logo que estava a mentir e chamou-me mentiroso. Bom, eu não tive outro remédio senão concordar com ele.

Resta somente desejar boas férias ao primeiro turno.

TRABALHO — As aulas acabaram e o Júlio aproveitou para mandar um grupinho de rapazes «preparar os baldes para a esfrega».

São eles: «Pardal», Cipriano, «Pas-sarinho» e «Gregório». Por cá andam a esfregar tudo.

O Júlio trabalha no 2.º volume do «Doutrina», em atenta revisão com o Gomes. O barulho da esfrega enche a sala. Júlio apela para que se faça menos barulho. A coisa parece querer sosegar mas, depois, o barulho vem novamente ao de cima. Apela novamente e não é fácil calar aquela juventude!

Entretanto, vem a calma. Os Rapazes continuam a sentir-se felizes por serem respeitados. E o Júlio, também, por ter conseguido o que esperava.

É a esfrega na tipografia!

«Marcelino»



Tojal

FESTAS — «Senhoras e senhores, meninos e meninas...

Não sei se encontrarei palavras para exprimir o que nos vai na alma. Em nós, os Gaiatos.

Mais uma vez acedestes à nossa solicitação. Aliás, há sempre da vossa parte uma certa pressão para que tal seja possível.

Mais uma vez a vossa estima por nós, a vossa amizade por nós, o vosso amor por nós estão em evidência. Sentimentos dos mais puros e sinceros, aos quais nós procuramos corresponder, cientes das nossas fraquezas e das nossas limitações.

E, se alguém aqui veio trazido simplesmente pelo espírito crítico para daqui poder tirar conclusões erradas e com elas fazer especulação ou pôr em prática a sua demagogia exacerbada, melhor seria que essas pessoas não tivessem entrado.

Elaborámos um programa variado que esperamos seja do vosso agrado. Mas isso não está em causa. Não foi isso que vos trouxe aqui. Claro que procuramos estar certos e afinados. E, quanto melhor for interpretado aquilo que concebemos, maior será o efeito e melhor alcançado o nosso objectivo: deixar-vos uma mensagem de fraternidade, de amor, de paz e justiça entre os homens. Mensagem ainda de esperança no futuro.»

Este um extrato das palavras com que saudei, na abertura da Festa, os presentes no Monumental. Palavras sérias e gentidas no início mas que no fim duvidei terem sido justificadas. É que a Festa me pareceu um fracasso. Não consegui vivê-la. Achei que podia ter corrido tudo melhor. Que podia ser melhor compensado o trabalho tido. Daí que tenha posto em causa o seu efeito. Que me tenha interrogado sobre se a mensagem fora de facto transmitida.

Desculpem-me a sinceridade e a quem ela possa ofender. Mas quem está no palco ou nos bastidores vê as coisas de outra maneira.

Porém, pelos testemunhos já chegado de várias pessoas e por diversas vias, sou levado a pensar o contrário!

Ainda bem que assim é ou assim foi. Neste caso a minha opinião deixa de ser válida. Afinal, no aspecto artístico estivemos bem. Dos outros não me atrevo a duvidar.

Passada que foi a Festa no Monumental logo nos foram postas hipóteses para mais duas actuações. Uma em Cascais e outra em Loures.

Nós estamos interessados; mas não só. Há nessas localidades amigos também interessados (por amizade) e dispostos a apressarem a data de tais espectáculos e a darem o seu contributo para a sua realização. Vamos a isto!

Jorge

VENDA DO JORNAL NO NORTE DO PAÍS

Desde há largos meses que a venda tem sido, para os vendedores, muito esforçada, pelo motivo da substituição de alguns vendedores.

Como habitualmente, à sexta-feira

de manhã saem quatro vendedores, que distribuem O GAIATO nos Bancos, nas Caixas de Previdência, nos estabelecimentos comerciais, etc. São eles: «Rebuçados», «Spinola», Avelino e «Rolita». Ao todo, só estes, vendem 1.050 jornais.

No sábado de manhã, às 7 horas, largamos de Paço de Sousa. Chegados ao Lar do Porto, recebemos cada um 100 jornais e abalamos para as nossas zonas.

Eu fico em Valongo e passo 100 jornais. «Campanera» na Praça da Liberdade. Leva 100 exemplares e, geralmente, não traz sobras. «Algarvio» vai para a Boavista. Jorge, no sábado, para o Bolhão e, domingo, para S. Mamede de Infesta.

O «Faneca» despacha 100 mal vendidos porque faz muita sorna. Anda sempre na brincadeira. Faz mais um bocadinho de esforço «Faneca»!

No sábado, «Xabregas» vai para Gondomar e, domingo, para Cedofeita. Chega sempre tarde a casa... Vê se andas mais depressa ó «Xabregas»!

Póvoa de Varzim é da conta do «Papagaio». Leva 170 exemplares e não os despacha todos. Não se compreende porquê! Em tempos que já lá vão vendiam lá 250 e, agora, apenas 140 ou 120. Que se passa contigo «Papagaio»?!

O Emílio segue para Viana do Castelo. Já subiu de forma. Esforça-te ainda mais um bocadinho!

Sim, o Mendão é uma categoria. Passa 430 jornais. Parabéns Mendão-zito!

Espinho é a zona do «Riera». Leva 200 e não traz nenhum. A malta simpatisa com O GAIATO. E o Espinho subiu para a 1.ª Divisão. Boa sorte Espinho! Ele gosta da terra. É por isso que despacha por lá os jornais todos?

«Rolita», desde que entrou em Braga, tem sido uma maravilha, pois o «Rouxinol», que substituiu por haver fugido, nunca ia além dos 200.

A zona do «Cascais» é Antas e Marquês. Anda para a frente amigo «Cascais»!

Quando vos lembrades de comprar O GAIATO, ide às igrejas do Porto que estão lá os gaiatos à vossa espera.

Muita gente pergunta porque é que O GAIATO só traz duas folhas. Além do mais, o papel está caro. Reparar nos jornais diários, trazem muito papel que não é preciso.

Vou terminar com um grande abraço de nós todos — os vendedores.

Eu envio, também, um grande abraço para os valongueses que me acolhem com muita simpatia e para as gentes de Tondela.

Carlos Manuel de Matos («Salsichas»)

Lar de Coimbra

ANO ESCOLAR — Chegado ao fim de mais uma etapa escolar, ansiosamente, todos esperamos saber os resultados do nosso trabalho e esforço intelectual! Ou da nossa cabulice! Não é?...

Pois têm muita lógica os que reconhecem antecipadamente que ao longo do ano não fizeram mais do que cabular. E, aqui, sinto-me acusado, vejo que sou um elemento do rol. Estes não sentem tanta ansiedade em conhecer a avaliação dos seus trabalhos, pois sabem que é um peso pesado para a consciência, se é que a têm e será motivo para severas repreensões por parte dos seus superiores.

Devo, pelo certo, estar pessimista e, daí, o estar exagerando um pouco,

Reflectindo

Neste nosso mundo, nos nossos dias, constantemente o homem é convidado a deixar-se penetrar pelo pessimismo. Os poderosos meios de comunicação social trazem facilmente a cada um, um aspecto global dos problemas que atingem o homem por essa terra fora. O futuro, que algumas décadas atrás parecia risonho — pensemos no que se terá esperado do desenvolvimento industrial, quando ele começou a acontecer — lembremo-nos de todas as perspectivas de libertação psicológica e política que fizeram acreditar ser possível tirar a cruz a esta passagem terrena. Pois hoje em dia tudo parece menos optimista. O desenvolvimento industrial levantou ao homem novos problemas: a falta de energia, a saturação dos mercados, o desemprego, a poluição. A liberta-

ção psicológica aproximou mais o homem da sua verdade, com todas as consequências que a sua real fragilidade comporta e assim a possibilidade de novas vivências de uma vida mais humana. Por outro lado tornou-o também mais vulnerável ao sofrimento. A libertação política tem custado na sua marcha, aos povos, um enorme preço pago em dor e incerteza e onde se poderá dizer que a segurança está a criar raízes?

Mais que em qualquer outro momento da História, o homem hoje sabe que não conseguirá tirar da vida todas as dores. Daí que, por isso, mais do que nunca, o pessimismo é uma tentação apesar de todo o crescimento do homem através da evolução que a Humanidade sofre ao longo dos séculos. Mas o pessimismo será também fruto da ilusão que a

Humanidade sofreu ao pensar maiores as suas forças.

É preciso que o homem compreenda a obrigação de procurar na Terra melhores condições de vida para si e para seus Irmãos. Que deve lutar pela justiça, que deve procurar descobrir todas as suas potencialidades e conhecer-se cada vez melhor. Todo este trabalho deve ser feito sem perder a consciência do carácter transitório da vida e do seu caminhar para Deus. E é preciso que cada um saiba que não poderá endireitar o Mundo, mas pode torná-lo melhor se aceitar a resultante entre a sua personalidade e o que está à sua volta, construída no seu mergulhar em Deus.

Padre Abel

levando, talvez, o(a) leitor(a) a pensar que nós, os que estudamos, andamos muito por baixo no que diz respeito a estudos. Não, não é bem assim. Em matéria de transições ao ano imediato o saldo foi bastante positivo.

Ficaram aprovados: no Ciclo Preparatório (1.º ano) o Jorgito, o Hipólito, o Carlitos e o Dias; no 2.º ano do mesmo Ciclo houve exames aos quais se submeteram o «Godo» e o Chiquito-Zé que venceram e o Guido que, vítima da sua doença!... Animo rapaz! No 7.º ano de escolaridade o «Banana» passou; no 8.º o Calmeiro e o João Manuel passaram; no 3.º ano Liceal (antigo 5.º ano) o Francisquito ou Francisquinho — modo muito carinhoso e familiar como os fregueses o tratavam — ainda está em actividade, sob a alçada dos examinadores que lhe vão arrancando, digamos assim, os conhecimentos adquiridos.

Todos nós temos a ventura de estudarmos gratuitamente na Cooperativa de Ensino de Coimbra (C.E.C.).

É a altura de dar os nossos sinceros agradecimentos àquelas pessoas que se interessam pelo nosso crescimento moral e intelectual. Aquelas pessoas que colaborando e tendo em vista os princípios de Pai Américo, educam, didacticamente falando, rapazes turbulentos e belicosos; rapazes inquietos e que buscam algo; rapazes difíceis!...; rapazes que podem ter emanado (como muitos gostariam ou gostam de designar) da escória social! Aquelas pessoas que querem fazer destes mesmos rapazes homens úteis à sociedade e a si-próprios, instruindo-os e valorizando-os; incutindo-lhes no espírito coisas tão boas e tão belas!...

Melhor do que ninguém... Bom, passo a citar a s.ra D. Julieta à qual devemos e continuaremos a dever tanta amizade, tanto amor, tantas atenções que nos dispensou! Enfim, chegou ao ponto, quando a Cooperativa se formou, que, se os seus queridos gaiatos não fossem lá admitidos gratuitamente, levar-nos-ia para sua casa! Sem aulas não ficaríamos. Mas não chegou a ser necessária tal bóia de salvação.

As senhoras D. Julieta, D. Helena, D. Margarida e outras, todas amáveis, conseguiram conquistar a

simpatia do conselho directivo, por nós, claro!

Hoje todos os professores nos conhecem. Sabem a nossa proveniência. Compreendem-nos bem. São nossos Amigos.

Com o desabafo de gratidão, reconhecido por todos nós, esqueci-me de dizer que eu e o Nicolau fizemos o 1.º ano do Curso Complementar de Letras (antigo 6.º ano).

Trabalhadores estudantes: o Véstias fez o 6.º ano, João António o 4.º e algumas cadeiras que tinha, do ano anterior. Ambos estudam na Escola de Jaime Cortesão.

O «Lita» anda na Universidade. Frequenta e está prestes a terminar o 2.º ano de Electrónica.

Com esta «coisinha» de fecharem a Universidade...

Deixemos isto.

Em nome de todos sinceros agradecimentos aos Amigos da Cooperativa de Ensino de Coimbra.

Benjamim

UM PASSEIO EM PEREGRINAÇÃO

— Eh, toca a levantar, seus preguiçosos!

Eram seis da manhã. Com as pálpebras ainda pesadas e o «João Pestana» ainda com vontade de puxar os lençóis para cima e virar o corpo para o outro lado... Mas quê!... Hoje é o nosso passeio!... Nunca mais houve lembrança dos lençóis, ainda quentes, naquele ninho que eusta deixar.

10 de Junho. Dia de Camões, dia de Portugal!

A semana fora de chuva. Agora os pássaros cantavam e saudavam o sol tímido e envergonhado por ter a fraqueza, na sua força, de romper nuvena para nos dar um dia alegre.

Eh, sol, olha que hoje tens milhares de crianças em Fátima para beijares!

Nove e meia. Fátima. Peregrinação das crianças. Nós também.

Hinos à Mãe.

Senhora tens aqui o mais belo jardim de Portugal. São teus todos estes canteiros floridos. Tens estes botões que se abrem. Não deixes, Senhora, que murchem e deixem cair as pétalas viçosas. Rega-os de Amor.

E o sol envergonhado beija timidamente a Primavera em botão.

— Eh, lá!... Que é isto agora?... Há um bichinho que morde por detrás do umbigo.

— Ó senhor condutor, toca a andar.

— Há ali um sítio bom!

Um pinhal, pedras, musgo e relva. Ao abrigo da Natureza comemos dos seus frutos. Mas... Ó lá! Já vai o tacho quase no fundo e ainda falta metade... Como é isto agora? Eh matulões, vamos prá elegância, toca a fazer dieta!

Agora, Fátima para trás, Mira d'Aire à frente.

Grutas. Belezas que a terra encerra nas suas entranhas mas que os homens, ávidos de ciência e beleza, descobrem e lhe roubam.

O «Tio Zé», de Fátima, que afinal é de Mira d'Aire, estava à nossa espera e um «livre trânsito».

Entramos na terra para admirar a sua beleza. Oh palavras, onde vos heide buscar para poder descrever esta maravilha? Belo... Lindo... Maravilhoso... Não, não consigo adjectivar isto.

Ciências Naturais: estalactites e estalagmites, rochas calcárias, trabalhadas pela mão artística da Natureza e que a mão humana embelezou com tons coloridos fazendo ainda lagos com repuxos multicolores.

Dentro da grandiosidade das cavernas as lâmpadas amenas na sua luminosidade fazem esmorecer o temor da profundidade.

Agora a caminho da Batalha, não pensamos no que vamos ver; discute-se o que vimos ainda sob a impressão causada.

Batalha. Um tratado histórico e ficaria muito por dizer. Era fim de tarde e já muitas salas estavam fechadas. Ficou a sensação de haver visitado um monumento histórico e belo na sua arte.

E agora regressamos. Alma cheia e coração alegre. Alegria é palavra de ordem. Tudo canta minha gente. Por fim, a nossa Casa. E a vida continua!

«Lita»

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Esta coluna é um estímulo. E nem todos quantos lhe batem à porta dizem o que lhes vai na alma. Seria uma torrente de Água Viva!

Aí vão significativos extratos da correspondência recebida.

Espinho:

«Costumo comprar o vosso jornal à porta da igreja, mas como infelizmente nem sempre a minha saúde me permite ir à Missa, agradeço que de hoje em diante me considerásseis vossa assinante.

O GAIATO é um jornal que espero sempre com ansiedade e que não quero deixar de ler. Tem sido para mim um lenitivo

TRIBUNA de COIMBRA

Cont. da 1.ª pag.

Estes dias será assim. E noutras alturas é assim também. E os estudantes são como os outros, sem privilégios. Tivemos de recorrer a alguns que já estavam em férias na praia. Sermos família e sermos pobres exige de nós a alegria de servir, alegria que não é suficientemente paga por nada deste mundo.

Todos os dias, ao começar do dia, nos animamos a aproveitar cada dia e pedimos a bênção de Deus. Temos sentido que os nossos dias e os nossos trabalhos são abençoados.

E vou continuar a sujar e calejar as mãos com os que trabalham para fazermos a autêntica revolução nacional.

Padre Horácio

Pai Américo

Cont. da 1.ª pag.

seus irmãos se não fora ele a lembrar-lhos. A capa que, uma vez posta, ele jamais sacudiu dos seus ombros, nem para ir despedir-se da família — que não foi. Onde estava, aí imolou ao Senhor o que tinha, como sacramento do que era — esta a matéria autêntica do sacrifício.

«...Dávamos os últimos pontos, mas a linha quebrou-se e eu nunca mais regressei.»

Os homens traçam as linhas. Deus não cuida delas para escrever direito.

● Já «transfigurado», foi em Julho de 1952 que voltou a Moçambique. Não regressou a atar a «linha quebrada» trinta anos antes. Foi na tessitura da acção divina em que se comprometera e que continuou fielmente «até ao desgaste final — a morte».

● E a morte também escolheu Julho para o visitar. Dia 16, Festa de Nossa Se-

em muitas horas difíceis; e também um motivo de esperança que me leva a levantar os olhos ao Alto quando tudo à volta parece desmoronar-se. O GAIATO é a luz que me tem iluminado tantas vezes quando a caminhada se torna mais difícil e o caminho mais escuro.»

Uma leitora de Mogadouro, com a habitual sinceridade transmontana, manda uma nova assinante e um voto: «Deus vos dê saúde para continuardes nas pegadas de Padre Américo.»

Alguém, de algures, pede a remessa de O GAIATO «para um novo assinante, um sobrinho meu que casou, a quem desejo fazer esta oferta». E continua: «Desejo que neste novo lar o nosso querido jornal seja um guia, um amparo e um estímulo para os que começam agora a lutar e para que a vossa Obra seja como uma estrela que os guie sempre nos caminhos do Senhor».

Mais retalhos, quais legendas saborosíssimas que não poderíamos colocar debaixo do alqueire. Um Amigo d'algures: «Finalmente arranjei um assinante! É pessoa que paga, mas se o não fizer — só por esquecimento — eu encarrego-me de o lembrar».

Assim damos as mãos uns aos outros!

Turciful:

«Enviei para aí um vale de correio para a assinatura de O GAIATO, da qual F. se quer fazer assinante. Este pedido resultou numa visita que fizemos a vossa Casa e que muito impressionou todo o grupo que lá level.»

Lisboa:

Quando estávamos em Angola, meu marido era assinante

nhora do Carmo em 1956, foi a «transfiguração» definitiva: da Terra do Homem ao Selo de Abraão onde moram eternamente satisfeitos os que consumiram a vida a satisfazer a fome e a sede dos homens e consumaram no «amor até ao fim», que é a medida do Amor, o salto irreversível sobre o abismo, aquém do qual ficam para sempre os que não cuidaram do «único necessário»: amar como Cristo nos amou.

● LÁ, no esplendor da Luz, é bom «vermos»-lo a conversar com Moisés e Elias e o seu amado Mestre a Quem sobre tudo que é amável, ele amou. É a nossa luz e fonte de coragem nas horas comuns em que a «visão» não é e temos de viver somente de tudo quanto ele soube enquanto por cá passou tecendo as malhas que Deus tece:

— «Eu não sei nada, eu não sei mais nada senão Jesus e Jesus Crucificado!»

Padre Carlos

do vosso jornal que nos chegava com regularidade, bem como alguns dos vossos livros.

Já com a vida reorganizada, graças a Deus, e reiniciada a luta pela subsistência, gostaria de renovar a assinatura de O GAIATO cuja palavra de Evangelho vivo e vívido, tantas vezes nos foi lenitivo no trabalho árduo do nordeste angolano.»

Ainda de Lisboa:

«Aproveito para vos sugerir que publiquéis, se o entenderdes, um cupão para facilitar a adesão e captação de novos assinantes.»

Este Amigo concretiza, depois, a sugestão. Vamos estudar a sua viabilidade, consoante os dados fornecidos. Entretanto, o mais importante é o extraordinário interesse deste leitor — de muitos leitores — para que O GAIATO entre no maior número de lares. O que já não é pouco.

Agora, muito resumidamente, eis o grosso da coluna: Aveiro, Aradas (Aveiro), Moita (Ribeirão), Pardelhas (Murto-

Lar Operário em Lamego

● Estarão os leitores à espera de notícias sobre o Januário? Haverá alguém que se interesse a valer por quem não conhece? A nossa caridade viverá no coração e não será fruto das impressões de momento? Tudo ficará circunscrito a uma expressão de rosto, a um ligeiro murmúrio, ou a um monossilábico «coitadinho»? Quem toma atitudes? Quem imita a mulher do Evangelho que soube tirar do seu pouco e mereceu a palavra elogiosa do Senhor? Quem sabe fazer stop aos afazeres do dia-dia para visitar o Irmão que sofre, ou endereçar por escrito palavras de conforto e uma expressão colaborante? Quem tem força ou coragem para contar consigo próprio e dar tudo o que lhe for possível para a resolução dos problemas? Quantos são os que ficam tranquilos só porque dizem: «pode ser que outros também ajudem» ou: «se todos os leitores dessem igual quantia?»

O Januário está a fazer a vida normal de família com uma família que o recebeu. Uma cama vaga foi ocupada por ele e mais um prato se colocou na mesa. Tudo simples. Ele preocupa-se agora com as ervas do jardim e mata a sede às plantas. Não lhe levamos a mal as suas delicadas exigências para uns cigarritos, ou a queixa de que está muito precisado dumas botas. Para as conseguir tem empregado argumentos muito válidos, mas

sa), Toulões (B.B.), Paranhos de Besteiros, Castelo Branco, Valongo, Braga uma data deles, assim como do Porto e de Lisboa, Vila Real (aonde temos poucos assinantes...), Coimbra, Setúbal, Perozinho (Gaia), Ovar

com uma série, Cascais, Macieira (Lousada), Bragança, Vila Nova de Gaia, Ermesinde, Rio de Janeiro (Brasil) e Brakpan (África do Sul).

Júlio Mendes

Setúbal

Continuação da PRIMEIRA página

A Igreja deve contestar uma política que muitas vezes não vai ao encontro dos mais desprotegidos; mas, como Jesus, deve fazê-lo com obras. Ela, a Mãe Igreja, é sinal de Salvação. Para ser sinal tem de salvar. Não o faz completa e totalmente, pois, isso é obra de Jesus-Salvador. Assim como o fumo é sinal de fogo e não é fogo, mas não existe fumo sem fogo; assim para que exista também neste pecado um sinal evidente de salvação, é necessário que nós, cristãos, e toda a Igreja, façamos por estes marginais tudo o possível para que as riquezas do espírito, da humanidade, da normalidade, da integração social e da fé lhes aqueça o coração e ilumine a inteligência. A Igreja tem de ser hoje o fumo do Fogo Salvador.

Padre Acílio

o mais convincente é que molha os pés no lidar com as águas que refrescam as flores e com isso complica a sua brquite.

● Como todas as coisas desta vida, o Lar de S. Domingos tem os seus altos e baixos. Há horas em que tudo corre bem ou, pelo menos, os problemas são de fácil solução. Há também ocasiões mais dolorosas em que ficamos sem saber o caminho a seguir.

Desta vez foi um rapaz que pediu para vir e aprender a electricista. O nosso sistema é dar, lhes, no Lar, acolhimento familiar e pedir a uma oficina ou empresa da cidade para os receber como aprendizes. Assim tem sido, mas receamos que assim não possa continuar. Umas vezes os patrões, ou mestres, não lhes pagam nada; outras vezes há um ordenado simbólico e estimulante. Acontece que nem sempre o rapaz acerta com a profissão que escolheu

e tem de desistir voluntariamente ou a conselho do «mestre». Assim foi desta vez: não tinha jeito para electricista e teve de escolher outro trabalho. Querem os leitores saber o que ele fez? Pediu para ir a casa; demorou-se umas semanas; depois veio buscar uma mala que lhe pertencia e agora apareceu um aviso do Tribunal de Trabalho em que pede nada mais, nada menos, do que 99 contos de indemnizações!!! O processo tem de seguir até final sem sabermos qual será o desfecho.

Como poderemos continuar o Lar de S. Domingos? Não é possível ter oficinas internas. Onde vamos encontrar empresas que aceitem os nossos rapazes como aprendizes?

Se alguns dos leitores quiserem reflectir connosco e dar uma opinião, é acção meritória que muito agradecemos.

Padre Duarte



O Gaiato

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa